

Ânforas e sigillatas tardias (claras, focenses e cipriotas) provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa

A.M. DIAS DIOGO
LAURA TRINDADE

R E S U M O

Os autores publicam as sigillatas claras, focenses e cipriotas, assim como as ânforas, provenientes das escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa e depositadas nas instalações do seu extinto Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa.

A B S T R A C T

The authors present the late sigillata, "Late Roman C" and "Cypriot Red Slip" wares, as well as the amphorae, from the 1966/67 excavations of the Roman theatre of Lisbon that are housed in the installations of the old Technical Office of the Roman Theatre of Lisbon.

Introdução

Quando, em Maio de 1989, passámos a dirigir o Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa, a nossa primeira preocupação foi a de lavar, marcar e classificar um impressionante monte de cacos provenientes das escavações de 1966/67, amontoados numa das dependências do nosso Gabinete e que o Museu da Cidade tinha simplesmente abandonado.

Embora os materiais apenas valessem por si, devido à inexistência de registos de quaisquer contextos, esse estudo foi para nós muito importante, dado que nos permitiu, através da acumulação dos espectros cronológicos das peças então datáveis, antever os períodos do sítio que pudessem estar relacionados com as várias construções que se sobreporiam ao teatro romano.

A importância de alguns desses conjuntos leva-nos agora a iniciar a sua publicação, numa altura em que ultimamos o estudo das nossas escavações do teatro romano de Lisboa (1989-1993).

(D.D.)



Fig. 1 *Orchestra* e *hypocaustum* do teatro romano de Lisboa, vistos de norte.

Análise dos materiais

Como é usual nas *Sigillatas Claras*, a forma melhor representada é o almorfariz Hayes 91 (n.º 9 a 12), aqui nas suas variantes B e C, com datação compreendida entre meados dos séculos V e os inícios do VII (Hayes, 1972, p. 144). A forma Hayes 73 está aqui presente com dois exemplares (n.º 1 e 5), compreendendo ambas as suas variantes, tem atribuída uma cronologia de 420 a 475, podendo a forma B ser mais tardia (Hayes, 1972, p. 124). O fragmento mais antigo pertence a um prato de forma Hayes 14 A (n.º 4), datado de meados do século II (Hayes, 1972, p. 41). A forma Hayes 18 (n.º 6) é datável dos inícios do século III (Hayes, 1972, p. 43). O nosso fragmento n.º 2 pertence a um prato largo e alto, de forma Hayes 50 A. A sua relativa falta de qualidade aponta para que estejamos em presença de um exemplar tardio dentro da variante, datável de c. 300 a c. 360 (Hayes, 1972, p. 73).

A forma Hayes 67 está presente com dois exemplares (n.º 3 e 8), tem atribuída uma cronologia de entre 360 e 470 (Hayes, 1972, p. 116). Por fim, o nosso fragmento n.º 7 pertence a um prato de forma Hayes 87, na sua variante A, datável da segunda metade do século V.

No que respeita às *Sigillatas focenses tardias*, communmente designadas de "Late Roman C", embora ainda não atestada, a sua presença em Lisboa era já previsível, tendo em conta a sua distribuição já publicada para o território português (Maia, 1974; Delgado, 1975, 1988).

Os depósitos do teatro romano proporcionaram-nos seis fragmentos de bocas de vasos em *Sigillata focense tardia*, estando a sua distribuição formal e quantitativa dentro da normal para

SÍTIOS	F2	F3	F5	F8
1 Braga		●	●	
2 Taiperra		●		
3 Recemlinhos		●		
4 Freixo		●		
5 Conímbriga		●	●	
6 Póvoa de Cós		●		
7 Cacém		●		
8 Alto da Cideira		●		
9 Tróia		●		
10 Marobriga		●		
11 S. Cucufate		●		
12 Monte da Cegonha	●	●		
13 Beja		●		
14 Cidade das Rosas		●		
15 Horta de D. Maria		●		
16 Mértola		●		●
17 Torres de Ales		●		
18 Marim		●		
19 Loulé Velho		●		
20 Cerro da Vila		●	●	
*21 Santarém		●		
*22 Lisboa	●	●		
*23 Correnda		●		

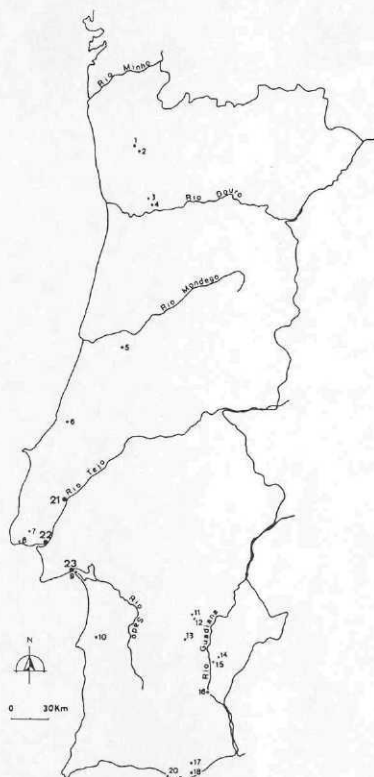


Fig. 2 Distribuição das Sigillatas focenses tardias em território português.

o nosso território: estão presentes duas formas, a 3 e a 5, estando a primeira representada com cinco exemplares, cerca de 83,3 % do total. Segundo M. Delgado (Delgado, 1988, p. 40), 80% dos bordos de sigillata focense tardia que pode observar em Portugal, pertenciam à forma 3, tratando-se da forma típica deste tipo de ânfora e correspondendo a cerca de 80/90% de toda a produção entre os meados do século V e os meados do VI.

Embora Hayes divida esta forma em oito tipos: De A a H, atribuindo-lhes significados cronológicos (Hayes, 1972, p. 329-338), a inexistência de quaisquer contextos, levou-nos a evitar determinar variantes, já que essa classificação é, em muitos casos, pouco segura em fragmentos tão pequenos. Quanto ao prato de forma 5, já atestada em Braga, Conímbriga e no Cerro da Vila, Hayes propõe uma cronologia de c. 460-500 para a sua variante A (Hayes, 1972, p. 339).

Na carta de distribuição dos achados de sigillata focense tardia que aqui publicamos (fig. 2), e que foi elaborada a partir do mapa de M. Delgado (Delgado, 1988, est. II), para além de Lis-

boa, cartografamos também Santarém, de onde já publicámos um fundo com uma decoração pertencente ao grupo II B de Hayes, que aparece normalmente nas variantes A, B e C da forma 3 (Diogo, 1984, p. 123, est. III) e o sítio da Comenda, com um bordo de forma 3 (Trindade e Diogo, 1996, p. 12, fig. 8). De estações do concelho do Alvito, Beja, temos ainda fragmentos inéditos de forma 3, o que parece indicar uma verdadeira penetração no interior alentejano deste tipo de sigillata, já longe do comércio essencialmente fluvial.

Também previsível, mas ainda muito incomum, era a existência de Sigillatas Cipriotas Tardias em Lisboa. Manuela Delgado já tinha atestado a sua presença em território português, em Braga e em Mértola, através de fragmentos que atribuiu à forma Hayes 2 (Delgado, 1988, p. 40-43). Embora o exemplar do teatro romano seja uma versão pequena da forma 2, que Hayes considera relativamente pouco comum (Hayes, 1972, p. 375), as suas características de fabrico e decoração estão muito próximas das do prato grande de Mértola.

Esta forma é característica do apogeu de produção da Sigillata Cipriota Tardia, situada entre os meados do século V e o segundo quartel do VI (Hayes, 1972, p. 375).

No que diz respeito às ânforas, pudemos estudar fragmentos de boca pertencentes a trinta exemplares distintos. As ânforas de fabricos lusitanos (Diogo, 1987, 1995) são, naturalmente, as mais frequentes, com vinte e seis exemplares, correspondendo a 86,7 % do total. Das ânforas da primeira fase da produção lusitana, apenas estão presentes dois exemplares de L.2 (n.º 1), a característica ânfora piscícola, muito comum entre o segundo quartel do século I e os finais do II.

A Lusitana 4 (n.ºs 4 e 5) é a ânfora mais bem representada, com dez exemplares, 33,3 % do total. Trata-se da principal ânfora piscícola da segunda fase de produção lusitana, com uma cronologia compreendida entre os finais do século II e os inícios do V.

Também pertencentes a ânforas piscícolas e datáveis da segunda fase de produção lusitana são os fragmentos n.º 6, uma L.5 a, e a n.º 8, uma L.6, estando esta aqui presente com dois exemplares.

Pertencente ainda a uma ânfora piscícola, é o fragmento n.º 7, o único de possível fabrico algarvio aqui presente. É uma forma L. 5 b, datável dos séculos III aos inícios do V.

A ânfora vinária L.3 (n.ºs 2 e 3) está fortemente representada neste conjunto com sete exemplares, 23,4 % do total. Este tipo de ânfora poderá ter iniciado a sua produção nos finais do século I, princípios do II. Registámos ainda três exemplares do tipo L.10 (n.º 9), uma ânfora possivelmente vinária que temos em estudo, e cuja cronologia parece acompanhar a da L.4.

No que diz respeito às ânforas importadas, apenas existem quatro fragmentos de boca: dois exemplares do tipo Dressel 1 (n.ºs 7 e 8), a característica ânfora vinária itálica, que está aqui presente com a sua variante A, datável do terceiro terço do século II a.C. ao primeiro terço do século I a.C. (Sciallano e Sibella, 1991, p. 32). Um fragmento de ânfora de tipo Keay XXXV B, que poderá ter transportado azeite da Tunísia e é datável de meados do século V a finais do VI, ou inícios do VII (Keay, 1984, p. 235-240). Por fim, está ainda presente um fragmento de boca de Keay XI, oleária e originária da Tripolitana, com uma cronologia compreendida entre os inícios do século III e os meados do V (Keay, 1984, p. 136).

De notar que dois fragmentos de ânfora (6,7%) têm uma cronologia anterior à construção do teatro, que é augustano, e que a grande maioria, 86,6 %, poderá ter uma cronologia posterior ao século III. Finalmente, embora a argumentação baseada na ausência leve muitas vezes a hipóteses incorrectas, é também de notar a ausência de ânforas béticas dos séculos I ao III: Haltern 70, Beltrán I, Beltrán II e Dressel 20, relativamente comuns nos sítios arqueológicos do nosso País, o que naturalmente não apenas se prende com o período de utilização do teatro mas também com o tipo de entulhos que se lhe foram sobrepondo.

Conclusão

As razões da grande percentagem de cerâmicas finas e de ânforas tardias recolhidas durante as escavações de 1966/67 do teatro romano de Lisboa, são-nos agora mais perceptíveis graças aos resultados que obtivemos com as nossas intervenções. Foi-nos possível encontrar contextos ocupacionais bem definidos da segunda metade do século V, primeira metade do século VI, datáveis através de materiais como as formas Hayes 87 A e 99 em Sigillata Clara D e Hayes 3 em sigillata focense tardia (Diogo, 1993, p. 222-224). Após o desmantelamento do teatro para reutilização das pedras, muito provavelmente nos finais do século IV, ou nos inícios do século V, as suas ruínas foram aproveitadas para a construção de pequenas habitações em pedra seca, incorporando o que restava dos muros do teatro.

Ao mesmo tempo que o teatro romano era desmantelado, o mesmo acontecia às termas dos Cássios, outro dos edifícios públicos romanos que nos encontramos a escavar em Lisboa. Também neste caso as suas ruínas foram utilizadas na construção de pequenas e pobres habitações tardias.

A explicação para a demolição, neste período, de edifícios monumentais como o teatro e as termas dos Cássios, não poderá apenas encontrar-se no carácter obsoleto desses edifícios, face à nova mentalidade vigente mas, complementarmente, à premente necessidade de obter pedra para a construção de uma muralha defensiva para proteger a cidade.

Por fim, a grande quantidade de cerâmicas finas e ânforas orientais datáveis da segunda metade do século V e do século VI, que temos vindo a encontrar nas nossas escavações em Lisboa, não pode ser explicável por simples introduções fortuitas, mas apenas pela existência de relativamente fortes circuitos comerciais, ligados à manutenção de Lisboa como importante porto comercial, mesmo após a sua submissão aos Alanos, cerca de 411.

Quadro da distribuição quantitativa e percentual das ânforas, por origens e tipos

ORIGEM/TIPOS	#	%
Lusitânia	26	86,7
L.2	2	6,7
L.3	7	23,4
L.4	10	33,3
L.5 a	1	3,3
L.5 b	1	3,3
L.6	2	6,7
L.10	3	10
Itália	2	6,7
Dr.1 A	2	6,7
África Bizacena	1	3,3
Ke.XXV	1	3,3
Tripolitana	1	3,3
Ke.XI	1	3,3
TOTAIS	30	100

*Catálogo**Sigillatas Claras*

- 1- (Fig. 3) Fragmento de bordo de tigela, forma Hayes 73 A.
Engobe laranja-acastanhado, com bandas brilhantes, apenas existindo na superfície interna e sobre o bordo. Superfície interna degradada. Pasta alaranjada, branda e folheada, com minúsculas calcites e raros pequenos quartzos rolados. Diâmetro da boca: ?
- 2- (Fig. 3) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 50 A.
Engobe laranja-avermelhado, brilhante e degradado, em ambas as superfícies. Pasta laranja-escura, muito fina, dura e compacta. Diâmetro da boca: ?
- 3- (Fig. 3) Fragmento de bordo de prato, forma Hayes 67.
Engobe laranja-avermelhado, baço, apenas existente na superfície interna e, irregularmente, sobre o bordo. Superfície interna degradada. Pasta laranja-clara, branda, folheada e com raros pequenos quartzos. Diâmetro da boca: 32,2 cm.
- 4- (Fig. 3) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 14 A.
Engobe alaranjado, de brilho acetinado, em ambas as superfícies. Superfícies granuladas, sendo a interior mal alisada. Pasta alaranjada, muito branda, de textura folheada, com raros pequenos quartzos. Diâmetro da boca: ?
- 5- (Fig. 3) Fragmento de bordo de taça, forma Hayes 73 B.
Engobe laranja-avermelhado, com bandas brilhantes, apenas existente na superfície interna e sobre o bordo. Superfície interna degradada. Pasta laranja-rosada, dura e fina, de textura folheada. Diâmetro da boca: 16 cm.
- 6- (Fig. 3) Fragmento de bordo e parede de pratel, forma Hayes 18.
Engobe alaranjado, em ambas as faces, mostrando as bandas de alisamento sobre superfícies granuladas. Pasta laranja-rosada, branda e arenosa, de textura folheada. Diâmetro da boca: 23 cm.
- 7- (Fig. 3) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 87 A.
Engobe alaranjado, brilhante, cobrindo a superfície interna e a parte superior da externa, muito degradado. Pasta alaranjada, fina, muito branda e porosa. Diâmetro da boca: 32,5 cm.
- 8- (Fig. 3) Fragmento de bordo e copa de taça de grandes dimensões, forma Hayes 67.
Engobe avermelhado, baço e espesso, muito degradado, existindo na superfície interna e sobre o bordo. Pasta alaranjada, branda, de textura folheada, com minúsculas calcites e raros pequenos quartzos. Diâmetro da boca: 27,9 cm.
- 9- (Fig. 4) Fragmento de bordo, rebordo e copa de almofariz, forma Hayes 91 B.
Engobe rosa-alaranjado, cuidado, com raras bandas brilhantes, cobrindo a superfície interna e a parte superior da externa. Pasta rosada, de textura folheada, com minúsculas calcites e partículas negras. Diâmetro da boca: 26,4 cm.

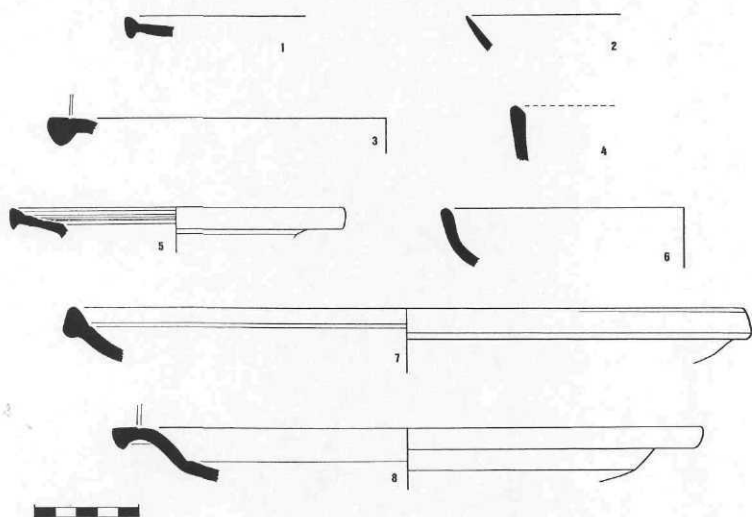


Fig. 3 Sigillatas claras.

- 10 (Fig. 4) Fragmento de bordo, rebordo e copa de almofariz, forma Hayes 91 B. Engobe rosa-alaranjado, cuidado, com raras bandas brilhantes, cobrindo a superfície interna e a parte superior da externa. Pasta rosada, de textura folheada, com minúsculas calcites e partículas negras. Diâmetro da boca: 24 cm.
- 11 (Fig. 4) Fragmento de bordo, rebordo e copa de almofariz, forma Hayes 91 B. Engobe laranja-avermelhado, manchado, de brilho acetinado, existente na superfície interna e sobre o bordo. Pasta laranja-rosada, branda e fina, de textura folheada. Diâmetro da boca: 19 cm.
- 12 Fragmento de bordo, rebordo e copa de almofariz, forma Hayes 91 C. Engobe de brilho acetinado sobre superfícies mal alisadas, existente na superfície interna e na parte superior da externa. Pasta alaranjada, muito fina e branda, de textura folheada. Diâmetro da boca: 16,4 cm.

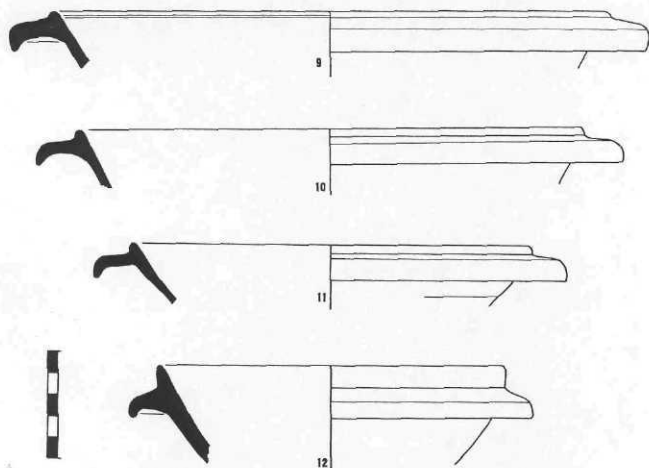


Fig. 4 Sigillatas claras.

Sigillatas foveenses tardias

- 13 (Fig. 5) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 5 A.
Conserva vestígios de engobe vermelho-escuro, espesso e baço. Pasta laranja-pardacenta, muito fina e dura, com minúsculas calcites. Diâmetro da boca: 27,9 cm.
- 14 (Fig. 5) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 3.
Conserva vestígios de engobe vermelho-escuro, manchado. Pasta laranja-pardacenta, muito fina e dura, com minúsculas calcites. Diâmetro da boca: 28 cm.
- 15 (Fig. 5) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 3.
Engobe interno alaranjado de brilho baço, sendo vermelho-manchado na superfície externa do bordo e com fortes vestígios de alisamento em ambas as superfícies. Pasta alaranjada, muito fina e dura, com minúsculas calcites. Diâmetro da boca: 24,8 cm.
- 16 (Fig. 5) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 3.
Engobe laranja-acinzentado, manchado. Pasta laranja-acinzentada, muito fina e dura, com minúsculas calcites. Diâmetro da boca: 22 cm.

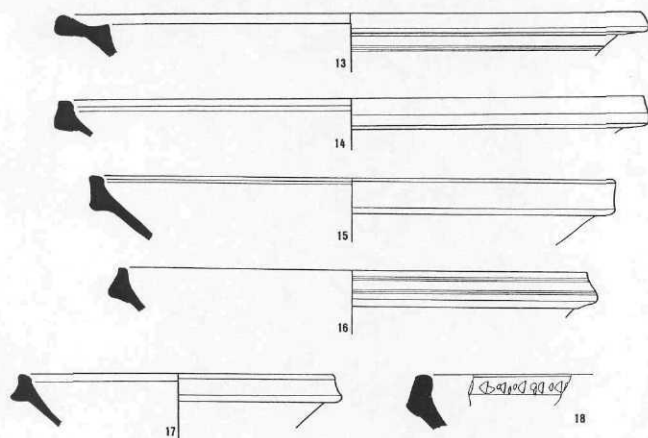


Fig. 5 Sigillatas focenses tardias.

- 17 (Fig. 5) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 3. Engobe alaranjado, manchado e baço, superfície externa com múltiplos riscos provocados pelo alisamento. Pasta laranja-pardacenta, muito fina e dura, com minúsculas calcites. Diâmetro da boca: 14,9 cm.
- 18 (Fig. 5) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 3. A face exterior do bordo encontra-se decorado com um guilhoché largo e profundo. Engobe vermelho-escuro, manchado, com as superfícies a apresentarem fortes vestígios de alisamento. Pasta rosa-pardacenta, com minúsculas fendas e nódulos ocre. Diâmetro da boca: ?

Sigillata Cipriota Tardia

- 19 (Fig. 6) Fragmento de bordo e parede de prato, forma Hayes 2. A face superior do bordo está decorada com caneluras profundas e o exterior da parede apresenta duas bandas de guilhoché muito grosseiro. Engobe alaranjado, manchado na face externa e de brilho metalizado na interna. A face superior do bordo é descolorida. Pasta castanho-avermelhada, dura e muito fina. Diâmetro da boca: 16,3 cm.

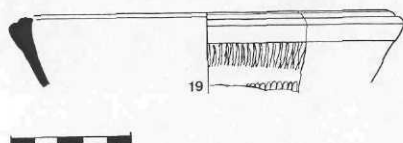


Fig. 6 Sigillata cipriota tardia.

Ânforas

- 1- (Fig. 7) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lusitana 2.
Lábio saliente e perolado, de aresta marcada. Colo extrovertido. Pasta alaranjada, dura e arenosa, quartzítica e micácea. Engobe castanho-avermelhado, fino e manchado.
- 2- (Fig. 7) Boca, fragmento de colo e de asa de ânfora, tipo Lusitana 3.
Lábio curto e saliente, de fita rectangular. Asa arqueada, de fita, bilobada na face superior e arrancando do terço superior do colo. Pasta alaranjada, de textura folheada, arenosa, quartzítica e micácea.
- 3 (Fig. 7) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo lusitana 3.
Lábio triangular, saliente e trilobado. Asa arqueada, de fita larga, bilobada na face superior e arrancando do terço superior do colo. Pasta alaranjada, de textura folheada, quartzítica e micácea.
- 4- (Fig. 7) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Lusitana 4.
Lábio muito saliente, triangular e convexo. Pasta alaranjada, de textura folheada, arenosa, quartzítica e micácea.
- 5- (Fig. 7) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 4.
Lábio alto, saliente e triangular. Asa arrancando do lábio e do colo. Pasta rosa-avermelhada, dura e arenosa, com calcites, quartzos hialinos e leitosos.
- 6- (Fig. 7) Fragmento de boca, colo, bojo e asa de ânfora, tipo Lusitana 5 a.
Lábio saliente, em aba triangular e oblíqua. Colo curto e extrovertido. Asa ovalada, arrancando do lábio e da metade superior do colo. Pasta laranja-escura, de textura folheada e arenosa, com calcites, quartzos hialinos e leitosos e minúsculas micas. Conserva vestígios de um revestimento creme-amarelado, polvorento.
- 7- (Fig. 7) Fragmento de boca, colo bojo e asa de ânfora, tipo Lusitana 5 b.
Lábio saliente, em pequena aba triangular. Colo curto e vertical. Asa ovalada, arrancando do lábio e do colo. Pasta bege-rosada, branda e fina, com pequenos quartzos. Superfície externa bege-amarelada.

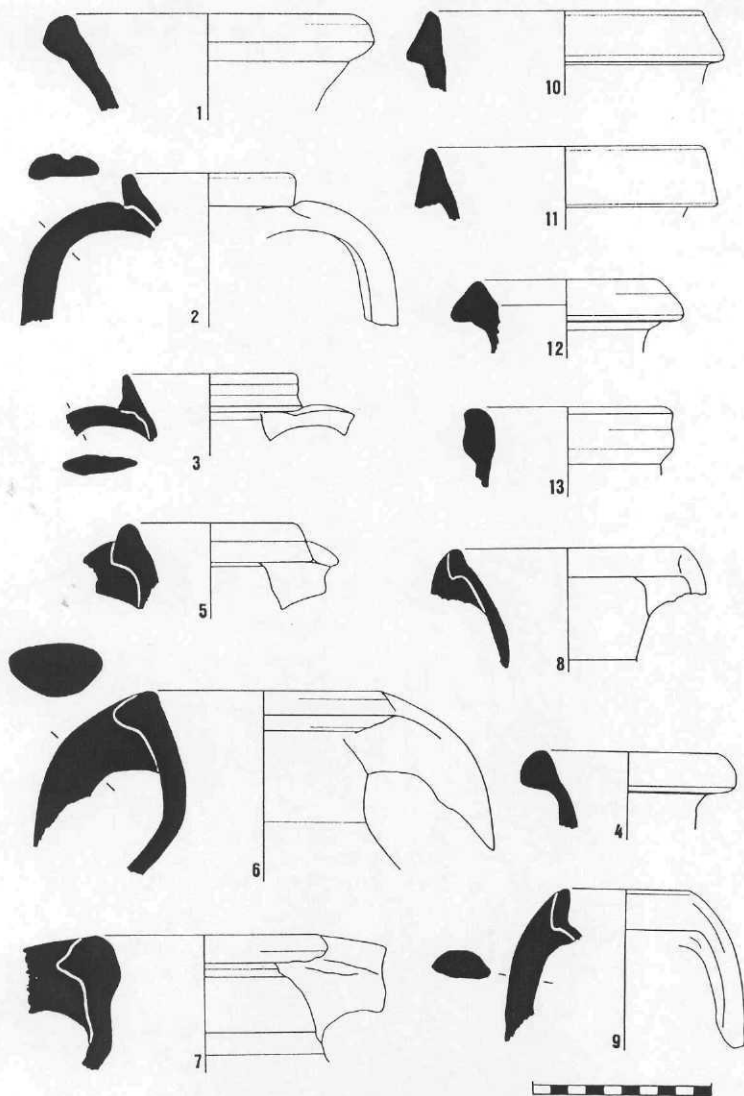


Fig. 7. Ânforas.

- 8- (Fig. 7) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 6.
Lábio curto, rectangular e pendente. Colo curto e extrovertido. Asa pendente, arrancando do lábio e da metade superior do colo. Pasta rosa-escura, de textura folheada e arenosa, com quartzos hialinos e leitosos, calcites e minúsculas micas. Conserva vestígios de engobe castanho-avermelhado.
- 9- (Fig. 7) Fragmento de boca, colo e asa de ânfora, tipo Lusitana 10.
Lábio de fita rectangular, ligeiramente pendente e introvertido. Asa troncocónica, pendente, arrancando do lábio e da metade superior do colo. Pasta acastanhada, com largo cerne acinzentado, de textura folheada e arenosa, quartzítica e micácea.
- 10- (Fig. 7) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 1 A.
Lábio triangular, curto e saliente. Pasta avermelhada, arenosa, com abundantes augites. Conserva vestígios de um revestimento creme-amarelado.
- 11- (Fig. 7) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Dressel 1 A.
Lábio triangular e pendente. Pasta rosa-avermelhada, dura e arenosa, com abundantes augites.
- 12- (Fig. 7) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay XXXV b.
Lábio triangular, muito saliente e ligeiramente pendente, com um ressalto sob a sobeira. Pasta rosada, muito dura e fina, com minúsculas fendas e calcites. Engobe creme-amarelado.
- 13- (Fig. 7) Fragmento de boca e colo de ânfora, tipo Keay XI.
Lábio de fita, saliente e bilobado, espessado internamente. Pasta laranja-escura, com largo cerne rosado, dura e fina, com abundantes minúsculas calcites. Engobe creme-amarelado, polvorento.

Quadro das dimensões dos atributos das ânforas

N.º	Boca			Asa		Colo	
	Diá.	Alt.	Esp.	Lar.	Esp.	Diá.	Alt.
1	190	25	21	-	-	-	-
2	100	19	14	40	17	-	-
3	105	22	15	43	13	-	-
4	122	24	22	-	-	-	-
5	112	27	22	-	-	-	-
6	170	23	28	53	32	112	52
7	166	26	34	-	-	132	32
8	138	19	16	-	-	88	48
9	82	24	11	34	17	-	-
10	180	31	22	-	-	-	-
11	172	35	24	-	-	-	-
12	133	29	30	-	-	-	-
13	120	32	21	-	-	-	-

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. (1982) - O teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simposio "El Teatro en la Hispania Romana"*, Badajoz, p. 287-302.
- Ailante delle forme ceramiche. I. *Ceramica fine romana nel Bacino Mediterraneo (medio e tardo imperio)*. (Suplemento de la Enciclopedia dell'Arte Antica), Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1981.
- DELGADO, M. (1975) - Sigillée Late Roman C. In *Fouilles de Conimbriga IV - Les Sigillées*, Paris: De Boccard, p. 285-291.
- DELGADO, M. (1988) - Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal. *Cadernos de Arqueologia*, Braga, 5, p. 35-49.
- DELGADO, M. (1992) - Cerâmicas romanas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente. *Arqueologia Medieval*, Porto, 1, p. 125-133.
- DIOGO, A. M. D. (1987a) O material romano da 1ª campanha de escavações na Alciçova de Santarém. *Conimbriga*, Coimbra, 23, p. 111-141.
- DIOGO, A. M. D. (1987b) Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV, 5, p. 179-191.
- DIOGO, A. M. D. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Cadernos de Arquitectura Romana*, Murcia, 2, p. 217-224.
- DIOGO, A. M. D. (1995) - Elementos sobre ânforas de fabrico lusitanos. In *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, p. 283-294.
- DIOGO, A. M. D.; SEPÚLVEDA, E. (no prelo) - Um estudo sobre as lucernas encontradas nas escavações de 1966/67 do Teatro Romano de Lisboa. *Conimbriga*, Coimbra, 39.
- DIOGO, A. M. D.; VITAL, N. F. (no prelo) - As moedas das escavações arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa (1989 - 1993). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 4.
- HAYES, J.W. (1972) - *Late Roman Pottery. A catalogue of Roman fine wares*. London: The British School at Rome.
- HAYES, J.W. (1980) - *Supplement to Late Roman Pottery*, London: The British School at Rome.
- KEAY, S.J. (1984) - *Late Roman Amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence* (BAR International Series, 196), Oxford, B.A.R.
- MAIA, M. P. (1974) - "Cerâmica fina oriental de oriental de Tróia de Setúbal: «Late Roman C Wares»", *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, I, Porto, p. 333-341.
- MAYET, F.; PICON, M. (1986) - Une sigillée phocéenne tardive («Late Roman C Wares») et sa diffusion en Occident. *Figula*, Lyon, 7, p. 129-133.
- MOITA, I. (1970) - "O Teatro Romano de Lisboa", *Revista Municipal*, 124/125, p. 7-37.
- SCIALLANO, M.; SIBELLA, P. (1991) - *Amphores. Comment les identifier?* Aix-en-Provence: Edisud.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (1996) - Materiais provenientes do sítio romano da Comenda. *Al-madan*, Almada, 2ª série, 5, p. 7-12.